

PESQUISAR ESPORTES EM HUMANIDADES: ABORDAGENS, TEMAS, POSSÍVEIS IDEIAS¹

RESEARCHING SPORTS IN HUMANITIES: APPROACHES, TOPICS, POSSIBLE IDEAS

Alexandre Fernandez Vaz²

RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões sobre a pesquisa que tem como tema o esporte e é realizada no âmbito da área de Humanidades. Para tanto, critica o particularismo que isola o esporte da sociedade e da experiência histórica, argumentando pela análise de tal fenômeno como expressão de processos mais amplos e densos, mas que não se dilui neles. Logo após, aborda quatro grandes temas ao redor do esporte que talvez possam receber mais atenção das pesquisas: sua relação com o tempo, a produção do treinamento e da dor do corpo, seu caráter modelar para a sociedade, o lugar dos fármacos e outros produtos em sua construção. Defende, ao final, o estudo do transgressivo e do particular.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, Sociedade, Teoria Crítica, Corpo, Tempo, Humanidades.

ABSTRACT

This paper presents reflections on research about sport conducted within the scope of the Humanities. To this aim, it criticizes the particularism that isolates sport from society and historical experience, predicting the analysis of this phenomenon as an expression of broader and denser processes, but not diluted in them. After that, it mentions and describes four major themes around the sport that may receive more attention from research: its relationship with time, the production of training and body pain, its model character for society, the place of drugs and other products in its construction. In the end, it defends the study of the transgressive and the particular topics.

KEYWORDS: Sport, Society, Critical Theory, Body, Time, Humanities.

¹ Agradeço a Danielle Torri e a Daniel Machado da Conceição a leitura deste texto, dirimindo algumas de suas lacunas. Uma parte das ideias aqui expostas foram apresentadas no VII Congresso de Ciência do Desporto, realizado na Universidade de Campinas entre 3 e 5 de dezembro de 2019. Agora, como antes, são dedicadas a Carmen Lúcia Soares.

² Doutor (Dr. Phil.) pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha. Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. Pesquisador CNPq 1C. E-mail: alexfvaz@uol.com.br

ESPORTE E SOCIEDADE

São muitos, e já de algum tempo, os estudos sobre o esporte no interior das Humanidades, esse dispositivo conformador de subjetividades, tópico de várias culturas, entretenimento a ser consumido por tantos meios, prática de lazer e do tempo de ócio, fenômeno irrenunciável da experiência contemporânea. Da leitura de Gunter Pilz (1999) sabemos que o primeiro trabalho mais completo que pode ser enquadrado no interior de uma sociologia do esporte é o livro de homônimo título (*Sportsoziologie*), de Heinz Risse, publicado em 1921. Mas já havia onze anos saído um livro que tratava da relação entre cultura e esporte, e até mesmo no século anterior à sociologia, mal ou bem, se ocupava do tema.

O assunto parece ter sido de interesse desde sempre. Não é demais lembrar que em seu sistemático estudo: A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, de 1945, Friedrich Engels – amante do hipismo e da natação, como relata Edmund Wilson (2006) – destaca a importância da prática de exercícios físicos, criticando o fato de que as condições impostas aos trabalhadores eram sobremaneira desfavoráveis ao seu desenvolvimento corporal, sensível e intelectual:

Quais sentimentos e quais capacidades humanas pode conservar à altura dos trinta anos aquele que desde jovem trabalhou doze ou mais horas por dia, fabricando cabeças de pregos ou limando rodas dentadas e vivendo nas condições de um proletário inglês? A introdução do vapor e das máquinas não altera isso. A atividade do operário tornou-se menos pesada e o esforço muscular foi reduzido, mas o próprio trabalho, facilitado, foi levado ao extremo da monotonia. Ele não permite ao operário nenhuma possibilidade de atividade espiritual e, no entanto, absorve-lhe a atenção a ponto de impedi-lo de pensar em qualquer outra coisa. A condenação a semelhante trabalho, que toma do operário todo tempo disponível, que mal o deixa comer e dormir, que não lhe permite fazer exercícios físicos e desfrutar da natureza, sem falar da ausência de atividade intelectual - a condenação a um tal trabalho não rebaixa o homem à condição animal? (ENGELS, 2010, pos. 1776).

Neste quesito, Engels encontra em Norbert Elias um improvável parceiro, ele que também se dedicou aos exercícios físicos da juventude até o final da vida, prática à qual reputava sua longevidade. Estudante de medicina em paralelo aos primeiros anos

de filosofia, Elias (1990) defendia ainda a importância de se conhecer os processos fisiológicos humanos para bem entender a sociedade.

Elias se dedicou ao tema do esporte, assim como Pierre Bourdieu, Christopher Lasch, sem, no entanto, que qualquer deles resumisse ao tema suas pesquisas. Há também os que o consideraram como parte de suas reflexões, a exemplo de Eric Hobsbawm, Peter Gay, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, entre tantos. O esporte é um tema inescapável para as Humanidades, ainda que não seja de todo pacificada a questão de até onde faz sentido se falar em sociologia, psicologia, história ou antropologia *do esporte*.

É certo que um conjunto de pesquisadores e pesquisadoras se reconhece sob rubricas que encontram o predicado depois da nomeação da área a que se dedicam, e isso legitima a subárea de conhecimento. Há congressos, periódicos, grupos de pesquisa que acolhem tal denominação, mas seria o caso de pensar se a ênfase na temática não acaba por afastar os esforços da disciplina a que se filiam. Dito de outra forma, seria preciso ver até que ponto não se faz uma sociologia do esporte em que a sociedade pouco conta, ou uma história que investigue e narre sobre uma modalidade, evento ou processo, mas que pouco diga sobre a experiência do tempo vivido. A necessária recusa a discursos totalizantes que fazem o objeto desaparecer em seu interior, que o justificam ao invés de analisá-lo, não pode derivar em particularismo cujos resultados só interessem, quando muito, à comunidade que estuda esportes.

Talvez as Humanidades precisem de uma agenda de pesquisa de longo prazo, com problemas complexos que digam do objeto pesquisado, mas se afastem do objetivismo que supõe o simples emprego de métodos sobre fenômenos de forma a descrevê-los. A pressão mais rarefeita sobre a quantidade de trabalhos que devem ser regularmente publicados por cada pesquisador ou pesquisadora, o que parece, finalmente, estar na pauta da ciência nacional, talvez ajude a levar adiante projetos com mais risco e, portanto, mais inovadores, fugindo da contumaz reiteração dos artigos em periódicos e comunicações em congressos.

Essa agenda mais extensa e com problemáticas mais complexas precisa também de novas miradas, não necessariamente afirmativas. Nos anos 1960, em uma conferência sobre o lazer, em que arguia que do tempo livre (*Freizeit*) dever-se-ia evoluir para a liberdade (*Freiheit*), Theodor W. Adorno (1995) assinalava a necessidade de uma psicologia social crítica a tratar do esporte, algo que ainda hoje permanece como Pesquisar esportes em Humanidades: abordagens, temas, possíveis ideias – Alexandre Fernandez Vaz – p. – 111-126

um imperativo. Uma psicologia que seja útil para o esporte pode ter valor para a melhoria da performance, mas não agregará muito ao conhecimento da vida em sua dimensão subjetiva, ou seja, somará pouco no plano do conhecimento, para além dos processos de melhoria da condição esportiva. Além do mais, sua instrumentalização para o rendimento não tem interesse no sujeito, mas no que ele pode render. Se o sujeito reconhece a performance de alto rendimento como um desejo seu, temos autonomia e a ciência para tal contribuindo, mas se o sistema esportivo lhe o impõe como demanda, então a psicologia passa a ser, como na guerra, uma aliada da violência³.

Da mesma forma acontece com o que se costuma chamar de sociologia do esporte. Se tal disciplina interessa ao esporte e a apenas ele, então seu alcance é muito pequeno. Uma sociologia que não se ocupa da sociedade, ainda que por meio das práticas esportivas, não pode ser chamada de ciência. Algo semelhante acontece com a história, que, evidentemente, deve ser escrita como narrativa sobre tal fenômeno, longe, como antes destacado, de um discurso que o fizesse submergir no mar de uma totalidade abstrata. Mas isso não significa que uma história do esporte deva ser uma descrição (curiosa ou não) de um conjunto de fontes, mas a interpretação da cultura e da sociedade de um tempo, de uma experiência em movimento que se expressa pelo fenômeno histórico esporte.

Como dito no início deste texto, o esporte é tema irrevogável para as Humanidades tanto por seu caráter de prática relacionada ao lazer e ao consumo como espetáculo, quanto pelos investimentos que são feitos em relação à saúde, e ainda por seu lugar nos processos de escolarização. Isso tudo sem deixar de destacar a razoável circulação de capital que se dá em seu entorno e realização. Há ainda o caráter exemplar que assume o esporte no contemporâneo, modelo para práticas tão diversas (ou talvez nem tanto) como os negócios e a sexualidade, e não é casual que para ambos os campos haja hoje disponível a maciça presença dos *coaches*. Está em jogo o princípio do desempenho, central para o esporte, e não só para ele, mas para toda a vida contemporânea sob a égide do capitalismo.

A partir daqui o texto se desenvolve em quatro momentos que se se referem a tópicos que, segundo avalio, merecem um pouco mais de atenção das pesquisas sobre esporte. No primeiro abordo a questão do tempo e da aceleração, do corpo como vetor

³ Um trabalho que vai em direção contrária ao que aqui critico é o de Moro (2018).

que imanta o primeiro e promove a segunda, tornando-se esportivizado. No segundo retomo o tema do treinamento corporal (VAZ, 1999) com vistas à competição de alto rendimento, mas também aquele vinculado aos impulsos das camadas médias para os chamados desafios, como, a título de exemplo, os *runners*. Logo depois comento o caráter exemplar que o esporte assume para o mundo corporativo, para o qual oferece balizas e modelos, para então chegar, na quarta parte, a alguns aspectos da parafernália farmacológica esportiva, mas também do dia-a-dia, o que inclui a meritocracia sexual. Há outros temas que merecem ser trabalhados, mas isso não será possível nas próximas páginas. Menciono as questões estéticas, as étnico-raciais, estas no registro da cultura urbana, especialmente, e a pergunta sobre a técnica, se posso aqui repisar a expressão de Martin Heidegger, mesmo que em outro registro. Somo a elas outra ainda, o estudo das organizações burocráticas do esporte, sugestão feita há mais de três décadas por Pierre Bourdieu (1983), mas ainda com pouca investigação no Brasil. Ficam para outro momento.

Apresento, portanto, não mais que um conjunto de ideias para debate, tópicos que podem ser considerados em uma eventual investigação, sempre considerando que não se trata, fundamentalmente, de saber algo sobre esporte, mas a respeito da sociedade, do tempo e das experiências do presente.

Meu lugar de enunciação é suspeito, uma vez que já não dedico ao esporte a mesma dedicação que outrora, movimento que paulatinamente foi diminuindo ao longo do tempo para encontrar, hoje, muito mais o interesse ensaístico e estético do que o da investigação. No entanto, sigo acompanhando, do jeito que me é possível, os debates das Humanidades que tomam mais ou menos diretamente o tema como seus. Espero que tal distanciamento, com os reveses e equívocos que certamente o acompanham, não traga tanto prejuízo para este texto, mas que, ao contrário, possa, quem sabe, oferecer algum tipo de visada menos costumeira e, com ela, aportar algo para as reflexões dos colegas.

TEMPO E ACELERAÇÃO

Uma das marcas centrais da experiência moderna é a sua singular relação com o tempo. Estamos, desde pelo menos uns duzentos anos, submetidos a um regime de temporalidade cuja primeira característica é a organização cronológica, ou seja, a

Pesquisar esportes em Humanidades: abordagens, temas, possíveis ideias – Alexandre Fernandez Vaz – p. – 111-126

divisão não somente em passados irreversíveis e futuros imprevisíveis, em um presente que já passou quando sobre ele pensamos, mas em forma disciplinada, que é a da mensuração. Isso é tão forte que nos é mesmo difícil pensar o tempo fora do registro do relógio, buscando uma experiência para além do *chronos*.

Esporte e trabalho são duas experiências que contribuíram muito para a instituição do tempo cronológico, como mostram, respectivamente, Eugen Weber (1989) e Edward Palmer Thompson (1987). O parentesco entre ambos acontece por meio da fisiologia, a do trabalho como ponto de partida para a do esporte, assim como igualmente será a da guerra para o esporte. Os grandes centros de treinamento ao redor do mundo com frequência têm origem e funcionamento militares. Não é muito diferente com a psicologia, cujo modelo para o esporte também vem da guerra e da indústria. Trata-se de preparar alguém para resistir enfrentamentos de uma batalha ou de um dia de trabalho, ambas situações que podem sucessivamente se repetir por dias, meses ou anos a fio, com descanso calculado e não mais que o necessário para repor as condições de força física e mental para nova jornada; mais ou menos como a vida de um atleta profissional. Fisiologia e psicologia foram e são importantes para a instituição cronológica do tempo, oferecendo parâmetros para a duração do esforço – em especial em uma experiência histórica como a nossa, que se organiza pelo trabalho compulsório –, contribuindo para a subjetivação de um regime de temporalidade.

Os cálculos das jornadas de trabalho foram impulsionados pelos limites do corpo em atividade perante a máquina – daí a sociologia da fadiga, tão bem estudada por Alson Rabinbach (1992) – e ao mesmo tempo pelas lutas dos trabalhadores para a redução da jornada de trabalho, como mostra o historiador Thompson quando se refere ao *making of* da classe trabalhadora. Recorde-se aqui o que escreve Karl Marx sobre o ritmo imposto pela maquinaria ao trabalhador. Em um de seus estudos sobre a modernidade, Walter Benjamin (2015, pos. 2432) o cita:

“Toda produção capitalista”, escreve Marx, “tem em comum o fato de não ser o operário a usar as condições de trabalho, mas as condições de trabalho a usarem-no; mas só com a maquinaria essa inversão adquire uma realidade tecnicamente concreta”. No trabalho com a máquina, os operários aprendem a coordenar “o seu próprio movimento com o movimento constante e uniforme de um autômato”.

Ou, como escreveu Engels (2010, pos. 2227):

(...) se se leva em conta que, com tudo isso, o trabalho fabril não solicita e não faz exercitar integralmente nenhum músculo do corpo (exceto dos membros inferiores) e não requisita nenhuma atividade que possa frear o exaurimento por ele causado, antes desestimulando qualquer movimento que dê vigor aos músculos e elasticidade ao corpo; se se leva em conta que, desde a juventude, faltam absolutamente aos trabalhadores quaisquer condições para exercícios ao ar livre, então não há nenhuma razão para espanto em face da afirmação praticamente unânime dos médicos, em seus relatórios sobre as fábricas, segundo a qual, encontraram nos operários uma notável falta de resistência às doenças, um estado depressivo geral que afeta todas as funções vitais e um progressivo debilitamento das energias espirituais e físicas.

O esporte, por sua vez, ofereceu sua velocidade e sua intrínseca demanda por comparação exata entre os desempenhos dos atletas, para criar a necessidade de relógios mais precisos, com marcações mais rigorosas, em especial por ocasião de uma das primeiras mesclas esportivas entre corpo e maquinaria: o ciclismo de competição. Supõe-se que o Tour de France tenha sido o impulso decisivo para esse processo (WEBER, 1989). A obsessão pela comparação venceu o espaço e o corpo contra corpo, para se materializar no recorde, o que permite uma competição de atletismo, natação ou ciclismo, manter-se eterna, já que depois de findo o evento, ela continua no cotejo entre os tempos obtidos para cada distância, sempre e quando as condições objetivas possam ser comparadas. Velocidade do vento, condições do piso, arquitetura da pista, controle de substâncias ingeridas pelos atletas, entre outros aspectos rigorosamente vigiados.

O tempo do esporte é o *chronos*, por isso, o uso do cronômetro, aparato associado a todo tipo de equipamento que diminua a participação humana em sua operação, como fotos e acionamento automático, de forma haver o mínimo erro da aferição. É o tempo civilizador, conforme aponta Elias (1988), cujas reflexões sobre o tema, aliás, pouco impacto têm tido nos estudos sobre esporte. O tempo do esporte é o tempo do progresso, linear e infinito, já que não se pode tolerar que deve haver um limite para o rendimento.

Para haver desempenho cada vez mais alto, precisamos de aceleração. A centralidade do corpo como agência e categoria analítica no contemporâneo apresenta, entre muitas das suas faces, a aceleração. Plataforma de mais velocidade, de progressão geométrica da produtividade, o corpo não pode deixar de passar do ato à potência. Só

assim o tempo cronológico faz sentido. Se o esporte encontra um de seus fundamentos nos usos do corpo, é este que se acelera ou é acelerado em função do progresso que sobre ele se coloca soberano. Um corpo que não progride não tem lugar no esporte, mas também, de certa forma, igualmente terá dificuldades em encontrar seu lugar na sociedade.

Ainda na mesma direção, mas com outra moldura, está o caráter modelar do esporte, já na metade do século passado identificado por Adorno (2001), o que tratarei mais adiante. A *esportivização* do corpo antecede e prepara o indivíduo contemporâneo para as demandas do modelo de civilização que temos à disposição, o capitalismo em sua era neoliberal.

TREINAR O CORPO⁴

Certas qualidades físicas que por certo foram importantes para nossos ancestrais, como força, velocidade e resistência, já não interessam ao contemporâneo, pelo menos nos termos que sejam outros que a manutenção mais ou menos saudável da vida. Os diversos meios técnicos produzidos pelo ser humano fizeram com que a face hostil da natureza fosse, em boa medida, vencida. As bicicletas, automóveis e aviões nos levam mais longe e mais rápido, as alavancas nos eximem da força, outras máquinas fazem cálculos em velocidade que não podíamos sonhar. Com isso a hipertrofia e definição muscular migram da necessária força para sobreviver e reproduzir, passando para os modelos de beleza e outros recursos simbólicos. A resistência aeróbica e o deslocamento veloz deixam a luta por alimentos, segurança e perpetuação, nos campos e florestas, migrando para o esporte. Isso é um avanço civilizador dos mais importantes, já que a depender do corpo para a sobrevivência, é pouco provável que ainda estivéssemos por aqui para contar essa história. Por outro lado, é como inutilidade que o esporte ganha valor, ou seja, os usos do corpo acontecem para o desfrute, para a expressão estética. É no esporte, assim como em outras práticas, que as técnicas corporais – que demandam eficácia e se inscrevem em uma tradição, como ensina Marcel Mauss (2003) – ganham sentido para além trabalho.

⁴ Retomo aqui argumentos apresentados em Vaz (1999).

É sobre a base material de um corpo que pode ser chamado, com alguma liberdade, de anacrônico que o treinamento esportivo atua, de forma a provocar, via stress, as adaptações morfofisiológicas que devem elevar a aptidão do organismo, levando-o, portanto, a desempenhos superiores. Por isso é tão importante que haja o descanso devido entre uma e outra sessão de treinamento, de forma que o organismo se prepare para novo stress que deverá, no entanto, ser progressivo, ou seja, em nível cada vez mais acentuado. É por isso que um dos princípios básicos do treinamento esportivo é chamado de *supercompensação*. Trata-se, portanto, de submeter o próprio corpo a um contínuo e progressivo estresse que o fará melhorar as condições para o rendimento esportivo, ao mesmo tempo em que exigirá que o sujeito se acostume com a fadiga e a dor constantes.

Manter o corpo sob um regime de treinamento é algo que causa sofrimento, uma vez o organismo sob pressão ininterrupta, sem condições de se recuperar totalmente de um estímulo ao dar a ele uma resposta morfofisiológica. Isso é parte da vida de atletas, como boa parte deles reconhece. São frequentes os relatos sobre dor constante, lesão permanente, uso contínuo de anti-inflamatórios, reconhecimento médico de que o atleta está no limite do desgaste etc.⁵

Lembro-me de na infância ler uma matéria sobre Rômulo Arantes Júnior, em que ele afirmava que daria um braço para ver novamente, no pódio, um estadunidense e um soviético, um de cada lado, como vira em uma edição dos Jogos Mundiais Universitários. Suponho que a oferta sacrificial não fosse apenas força de expressão. São conhecidas as narrativas de atletas e ex-atletas que dizem das dores constantes e das lesões crônicas com as quais convivem. Recentemente nada menos que o ex-jogador Pelé julgava ter tido a sorte de haver passado toda a carreira sem grandes problemas físicos, mas fazia uma advertência:

Graças a Deus, já estou bem melhor. Sempre falo para os amigos, os fãs, que tenho que agradecer muito a Deus, porque eu só tive os problemas de contusão, de fratura, depois que eu parei de jogar futebol. Deus só mandou a conta depois que eu parei. Graças a Deus, agora já estou me recuperando, porque eu tive problema na coluna, no quadril, de menisco,

⁵ Sobre o tema vale consultar o trabalho de Sabino e Luz (2014).

no tornozelo, mas agora já estou começando a andar bem. Mas não dá para jogar ainda⁶

Há uma carreira sendo desenvolvida e tremendo investimento pulsional nisso, sendo a saúde do organismo um valor não central para todos em todas as circunstâncias – assim como a sobrevivência pode ser relativizada em seu valor em uma guerra –, há gozo na competição e provavelmente na dor. Sem acostumar-se com a dor é impossível seguir no esporte; sem gozar com ela não é fácil. Sim, há um caráter masoquista na prática do treinamento corporal. “Aquele dorzinha boa de sentir, a que faz sentir estar treinado”, dizem atletas e frequentadores de academia de ginástica que, não por acaso, chamam a sua prática, como os esportistas, de treinamento. Se o consumo de substâncias químicas com frequência se relaciona à aceleração da capacidade de recuperação de um treinamento para outro, tornando mais rápida a adaptação morfofisiológica a que me referi acima, é também para tentar neutralizar a dor que são consumidos os analgésicos e anti-inflamatórios.

Chama a atenção que tal mentalidade esportiva, competitiva, ganhe espaço cada vez maior entre pessoas que podemos chamar de comuns, a exemplo dos recém citados frequentadores de academia. É grande o número de pessoas que se deixa treinar para as mais diferentes práticas, com destaque para os *runners* que procuram desafios tais como completar uma maratona ou mesmo melhorar a performance nessa prova. São horas de sofrimento durante dias, semanas, para poder ser maratonista. São dores frequentes e analgésicos para suportá-las. Não se trata de uma ação ilegítima e condená-las seria moralismo, mas de uma sugestão para pensar sobre esse objeto de gozo que a sociedade contemporânea oferece, gozo que só pode ser alcançado com certa autodestruição. Destruição que pode ser não exatamente a que toda obra de arte exige, supressão do estado anterior em seu ressurgimento em plano mais avançado. Mas, a autodestruição como lugar de tanatopolítica.

⁶ UOL. “É como se Deus estivesse me pedindo a conta”, diz Pelé sobre saúde. **UOL**, 14 nov. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2019/11/14/pele-sobre-saude-e-como-se-deus-estivesse-me-pedindo-a-conta.htm>. Acesso em 15 nov. 2019.

CARÁTER MODELAR DO ESPORTE

Uma das características marcantes do tempo presente é não exatamente a extrema individualização, processo já antes presente, mas a antes citada gestão de si, como se cada um fosse uma empresa. A desregulamentação do trabalho é um momento desse processo geral de subjetivação que faz cada um responsável por si, mas não mais no sentido da autonomia proposta pela tradição iluminista, Kant à frente, mas na administração de demandas heterônomas. A responsabilidade, sendo individual, se transforma, no sentido restrito desse mecanismo, em culpa pela falta de progresso. Dito de outra maneira, o que temos é a generalização do sujeito (espera-se que cada um seja conforme a um modelo, a um padrão de rendimento) e a particularização do fracasso. Compõe esse mesmo quadro o fato de os horários de trabalho serem cada vez mais flexíveis para que, com isso, a dominação vinculada às metas de produção seja total. Por isso uma academia de ginástica que abre durante vinte e quatro horas. Como disse uma amiga que frequenta uma delas, já não há desculpa.

Há pelo menos dois dispositivos da ordem do esporte que organizam esse movimento. O primeiro é o sem-número de palestrantes (essa modalidade profissional que tem como produto a fantasia garantida pelo corpo transferencial do que fala com autoridade para um público a com ele se identificar) com trajetória esportiva, que repetem clichês, contam causos de superação, anedotas que envolvem o time, apostas e investimentos que fizeram. Ao final, após terem sido filmados por celulares a postos, deixam-se fotografar em *selfies* pelos que os assistiram. É de imagem que se trata, materialidade da qual o esporte não pode subtrair-se, sem a qual ele não pode ser pensado. Nesse sentido, há um momento novo na cultura de massas, que já não necessita tanto das imagens produzidas por um centro irradiador, como a emissora de televisão, tanto porque a oferta é múltipla e atemporal (um *podcast* pode ser ouvido em qualquer momento do dia ou da noite, um vídeo igualmente), mas também porque os próprios consumidores produzem todo tipo de imagens que, em sucessão, formam pequenos filmes replicando a estética televisiva, mas no formato de *stories*.

O outro dispositivo é o que exige que trabalhadores sejam expostos a situações esportivas, vistas como desafios para o time, entregando o corpo para uma experiência da qual não necessariamente gostariam de participar, como um acampamento, uma corrida de kart, uma brincadeira de paintball, a descida de uma corredeira. Quando o

Pesquisar esportes em Humanidades: abordagens, temas, possíveis ideias – Alexandre Fernandez Vaz – p. – 111-126

corpo é mobilizado no contexto de uma captura subjetiva pela gestão de si de forma mercantilizada, então parece que já não há mais limite para a exigência de regressão e infantilização. A última fronteira está rompida quando alguém deve colocar o corpo e a alma, em seu tempo supostamente livre, a serviço da mentalidade competitiva que o mercado exige.

Competitivo e gestor de si, há que estar preparado para os standards exigidos, e para algo mais. Diferentemente de outras épocas em que se podia falar que se tratava de um treinamento para o trabalho fabril ou para a disciplina militar – ainda que com limites, uma vez que o esporte nunca foi só isso – hoje se trata de preparar todos e cada um para a gestão de si, para uma condição que parece promotora de autonomia, mas na verdade é o desamparo de ser atirado à própria sorte.

PARAFERNÁLIA FARMACOLÓGICA

Outra característica importante do esporte é o uso da parafernália farmacológica, composta pelos suplementos, drogas anabolizantes, estimulantes do sistema nervoso central, ansiolíticos etc. O tema tem sido pesquisado sob diferentes chaves de entendimento (SABINO; LUZ, 2014; SILVEIRA; VAZ, 2014; MANSKE; SANTOS, 2015; MANSKE, 2017, entre outros), mas seria o caso de colocarmos as perguntas sobre ele no contexto geral do uso de fármacos e outras substâncias reunidas sob o epíteto de *drogas*.

Esse processo não se dá apenas no esporte, mas, uma vez mais, ele é uma ponta-de-lança do que acontece na sociedade. A aceleração geral fabrica insônia e impõe a pressa para dormir, produzindo também a compulsão às imagens dos aparatos portáteis, uma espécie de transtorno de déficit de atenção generalizado. Se cada época tem suas formas de sofrimento psíquico privilegiadas, depressão e ansiedade são o que nos toca. O uso aparentemente indiscriminado de *cloridrato de metilfenidato* (ritalina) para crianças é um dos sintomas do tempo. A abstinência de imagens é outro.

É legítimo tomar anti-inflamatórios ou analgésicos para poder treinar e competir? Sim, é, mas seria o caso de colocarmos em reflexão que consequências isso traz, não como régua moralista, mas nos termos das apostas ético-políticas que podemos fazer. Mais ou menos como o *doping* nas competições esportivas, tema que não se discute com a necessária seriedade, uma vez encarado como encarnação do mal, assim como, no

Pesquisar esportes em Humanidades: abordagens, temas, possíveis ideias – Alexandre Fernandez Vaz – p. – 111-126

Brasil, não se coloca o debate sobre a legalização da produção, comércio e consumo de drogas psicoativas para uso recreativo ou médico, como o Tetra-hidrocanabinol - THC. O álcool, em comparação, ainda é visto como sinônimo de alegria (como se pode supor assistindo propagandas de cerveja), distinção (para os consumidores de vinho) ou seus usuários são alvo de preconceito de classe (quando preferem a aguardente).

Deveria ser punido quem consome anfetaminas para trabalhar durante mais tempo do que em princípio suportaria o próprio corpo? Se a medicação está associada a um processo de recuperação do organismo sem o qual isso não aconteceria, ou aconteceria de forma muito lenta e insuficiente, por que não se pode buscar o auxílio medicamentoso para correr mais ou divertir-se melhor? Quais são os critérios para que limites sejam estabelecidos, se é que isso é necessário?

Há ainda o papel que as drogas podem ter nos processos de esportivização da sexualidade, cujo ponto culminante é a existência dos dispositivos pedagógicos sobre como manter intercurso sexual correto (como se isso existisse). Como reverso, há uma outra pedagogia, a pornografia, que com o esporte guarda grande afinidade: performance, exagero, dor, submissão, o diretor atuando como se fosse um técnico preocupado com o desempenho de seus atletas: a pornografia (VAZ, 1999).

Do mesmo processo fazem parte as próteses, sejam elas para os esportes paralímpicos – uma espécie de possível *doping* tecnológico (TORRI; VAZ, 2017) – sejam aquelas destinadas ao cotidiano.

MAIS UMAS IDEIAS

Esses temas que abordei podem compor uma agenda das Humanidades que se ocupe dos esportes, mas que os tome como problema do presente, da sociedade, da história, da cultura, das conformações subjetivas, e não dos esportistas ou das subáreas (sociologia do esporte, psicologia do esporte etc.), de seus defensores encarniçados ou opositores mais tenazes. O esporte é um fenômeno contraditório e é no movimento de transformações da sociedade que pode ser entendido, como expressão da experiência histórica de indivíduos e grupos sociais. Ou, como uma vez escreveu Detlev Claussen (2006, p. 588-589):

Deduzir a analogia do futebol em relação à sociedade, e vice-versa, produz estupidez, porque não se reconhece o carácter genuinamente social do jogo. O futebol encerra a revolta de miúdos aristocráticos contra a educação escolar, assim como a revolução dos burgueses orientados para a vitória contra os aristocratas arrivistas, ou ainda a vontade de movimentação livre das classes que exerciam o trabalho fisicamente mais duro. Mas no futebol está também contido o oposto: controlo, disciplina e esforço físico. Mau-grado todo o entusiasmo, não deveríamos ignorar a dialéctica do progresso no futebol: a liberdade e a dominação entrelaçam-se no jogo e somente aquele que se submete a uma ordem no jogo pode sair do campo como vencedor. O carácter de compromisso que marca o curso normal das coisas burguesas também encontra expressão no empate

Nesse contexto de contradição – que não de ofuscação – o esporte se revela em faces insuspeitadas, desde que se possa fazer boas perguntas, ainda que incertas, de maneira que as possíveis respostas não sejam previsíveis. Já não precisamos de trabalhos meramente corretos, mas sim que agreguem, de fato, conhecimento sobre os esportes e, ainda mais, sobre a sociedade, o tempo e a experiência do presente.

A crítica radical – não a denegação – permite a análise do tempo e da aceleração. Se no contemporâneo não pode haver tempo morto no trabalho, tampouco no lazer, seria o caso de pensar a experiência da temporalidade nos termos do esporte e observar, por exemplo, experiências que no esporte o transgridam. Há momentos de jogo no esporte e eles podem apresentar expressão estética além de uma recusa do tempo cronológico, valorizando um outro regime temporal, o do *kairos*, o tempo do calendário, que mantém a espessura da experiência e a lentidão de que ela necessita. Quando um atleta ou equipe recusa o rendimento absoluto, ele relativiza a temporalidade da ação, ele renuncia a algo em nome de outro valor. Podemos ter um esporte mais lento, desacelerado? Para responder tal pergunta, seria preciso questionar quais são nossas utopias ético-políticas que tomam o esporte como modelo, e o que elas implicam.

O mesmo vale para os estudos sobre o treinamento corporal e o uso de substâncias químicas para a melhoria da performance. Para tanto, além de se conhecer as Humanidades e suas grandes problemáticas, é também preciso saber mais sobre o esporte no interior de seus fazeres, ou seja, nas particularidades internas das quadras, campos e pistas, assim como sobre as culturas perpetradas por atletas, treinadores e treinadoras, dirigentes etc. É na análise das particularidades, entendidas como expressões mediadas de processos mais amplos, que mora a chave de análise a ser acionada. Associa-se a isso a compreensão mais acurada do imaginário sobre o esporte

no contemporâneo, e ainda mais da sociedade que nele encontra para si um modelo tão harmonicamente correspondente.

O desafio é das Humanas, mas também das Ciências da Vida e da Tecnologia, afinal, todos esses temas também têm espaço nelas. As Humanidades precisam assumir sua responsabilidade, mas seria muito bom contar com colegas de outras áreas para as pesquisas, afinal, esses temas sobre o corpo podem ser mais bem pesquisados se de maneira interdisciplinar. Mas, para isso, precisamos fazer o esforço de autocontenção em relação à aceleração, preferindo as grandes questões da sociedade, da vida, e não a produção indiscriminada de nulidades.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**. Reflexionen aus dem beschädigen Leben. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.

ADORNO, Theodor W. Tempo livre. In: ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos**. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 70-82.

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. *E-book*.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-153.

CLAUSSEN, Detlev. Sobre a estupidez no futebol. **Análise social**. Lisboa, v. XLI nº179, p. 583-592, 2006.

ELIAS, Norbert. **Über die Zeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias über sich selbst**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990. p. 196.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B.A. Schulmann. São Paulo: Boitempo, 2010. *E-book*.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. Porto Alegre, **Movimento**, vol. 18, n. 3, p. 141-158, jul./set, 2012.

MANSKE, George Saliba. Gradientes de doping e definições de fronteiras: desafios e contingências no esporte de alto rendimento. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, p. 194-204, 2017.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MORO, Eduarda. “**Pra quem joga, terminar o ensino médio já é grande coisa**”: o processo de subjetivação do jogador de futebol de base e sua relação com a educação escolar. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2018.

PILZ, Gunter. Sociologia do esporte na Alemanha. Tradução: Alexandre Fernandez Vaz. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 3-16, 1999.

RABINBACH, Alson. **The human motor: Energy, Fatigue, and the Origins of Modernity**. Berkeley: University of California Press, 1992.

SABINO, Cesar; Luz, Madel Therezinha. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Revista Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 467-490, 2014.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p.447-475, 2014.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 536-550, 2017.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 89-108, 1999.

WEBER, Eugen. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILSON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em: 03/02/2020 Aprovado em: 02/04/2020
--